

LAUDO TÉCNICO N ° 06/ 2019

PAAF n° 0024.19.6002060-2

1. **Objeto:** Chaminé Olaria da antiga Fazenda do Pião, localizada na Av. Levindo Coelho, em frente ao n° 370, bairro Olaria/Barreiro.
2. **Município:** Belo Horizonte.
3. **Objetivo:** Analisar o valor cultural do bem em questão.
4. **Contextualização:**

Em 9 outubro de 2016, a arqueóloga Alenice Baeta encaminhou a esta coordenadoria denúncia relativa ao sítio histórico Chaminé Olaria da antiga Fazenda do Pião, região do Barreiro, em Belo Horizonte.

Segundo a denúncia, apesar da imponência na paisagem urbana da região do Barreiro, a grande chaminé de tijolinhos da olaria da antiga Fazenda do Pião apresenta claros sinais de degradação, sendo que sua extremidade já se encontrava parcialmente desabada. Ressaltou-se que se fazia necessária uma intervenção urgente no bem para evitar seu colapso.

A denúncia traz também o depoimento do sr. Chico Deusdete Miranda, líder comunitário, de 76 anos, que falou da importância da preservação da Chaminé da Olaria para a comunidade local e para a história da construção cidade e de seus trabalhadores. Ele informou que a argila extraída do córrego Olaria era muito boa, fornecendo telhas francesas e tijolos de boa qualidade para a construção civil, sobretudo na Cidade Industrial e arredores.

Destacou-se a existência do documento elaborado pela Comité Internacional para a Conservação do Patrimônio Industrial e a importância de se pensar no relevante acervo espalhado por Belo Horizonte, Contagem e tantos outros municípios mineiros, remanescente de uma “memória ainda muito desvalorizada e incompreendida, seja em contexto urbano, seja em ambiente rural”.

Em 9 de novembro de 2016, a Promotoria de Defesa do Meio Ambiente e Patrimônio Histórico e Cultural de Belo Horizonte determinou a abertura de procedimento para apurar o mau estado de conservação da Chaminé da Olaria.

Em 23 de janeiro de 2017, a Promotoria de Defesa do Meio Ambiente e patrimônio Histórico e Cultural de Belo Horizonte, por meio de ofício¹, solicitou à Diretoria de Patrimônio Cultural informações sobre a existência de proteção cultural e dados sobre a propriedade do bem identificado como Chaminé da Olaria.

¹ Ofício 028/2017/PJMA/ 114º Cargo.



Em 15 de fevereiro de 2017, a Diretoria de Patrimônio Cultural – DIPC, por meio de ofício², informou que “a Chaminé da Olaria, localizada em terreno pertencente ao município de Belo Horizonte, não possui proteção cultural deliberada pelo CDPCM-BH, pois se encontra em área sem interesse específico para proteção cultural”. Informou também que, mediante a solicitação enviada ao MPMG pela arqueóloga Alenice Baeta, a equipe técnica da DIPC/FMC elaborou estudos preliminares que seria encaminhado ao CDPCM-BH um relatório para posterior definição do grau de proteção do bem.

Em 25 de abril de 2018, a Promotoria de Defesa do Meio Ambiente e patrimônio Histórico e Cultural de Belo Horizonte, por meio de ofício³, solicitou à Diretoria de Patrimônio Cultural informações se houve o encaminhamento ao Conselho Deliberativo do Patrimônio Cultural de Belo Horizonte de relatório e definição do grau de proteção da Chaminé da Olaria.

Em 17 de dezembro de 2018, a Diretoria de Patrimônio Cultural, Arquivo Público e Conjunto Moderno da Pampulha, por meio de ofício⁴, informou que “até a presente data não foi elaborado relatório da Diretoria de Patrimônio Cultural- DPAM a ser encaminhado para o CDPCM-BH, pois tal relatório encontra-se em fase de estudos e pesquisas, necessários para instrução”.

5. Breve histórico da região do Barreiro em Belo Horizonte⁵:

De acordo com o livro Barreiro: 130 anos de história da argila ao aço, Antônio de Souza Guimarães cultivou e desenvolveu a Fazenda do Cercado durante muitos anos, após sua morte a fazenda passou aos descendentes e com as sucessivas heranças as terras passam a ser divididas e repassadas a terceiros.

Em 1850, a “Lei de Terras” estabelecia que as demarcações de propriedade seriam feitas por intermédio da igreja. Assim os proprietários e seus herdeiros, levavam suas plantas, apoiados as testemunhas para que se procedesse ao registro nas paróquias. Desta forma, o Coronel Dâmaso da Costa Pacheco, declarou possuir na Freguesia do Curral Del Rei, a fazenda de cultura denominada Barreiro. Sendo assim, o Vigário Bernardino José de Aquino, datou em 3 de agosto de 1855, o documento que menciona a existência da Fazenda do Barreiro nos registros. O Coronel Dâmaso da Costa Pacheco desenvolveu e a cultivou por anos a Fazenda do Barreiro, depois a vendeu Major Cândido José dos Santos Brochado, que era seu compadre, a família Brochado descendia de portugueses que se estabeleceram no Rio de Janeiro.

O Major Cândido Brochado era poderoso senhor de escravos e líder do Partido Conservador, tinha o respeito e admiração dos fazendeiros e políticos da região. Com as terras da fazenda ao pé da serra, com vários cursos d'água, o Major resolveu criar nova

² DIPC/EXTER/0096-2017.

³ Ofício 292/2018/PJMS/11º Cargo.

⁴ Ofício DPAM/EXTER nº 01209/2018.

⁵ <http://monografiabarreiro.blogspot.com/2013/12/158-anos-de-historia.html>. Acesso 11-3-2019.



sede. Pelo seu poder e sua influência o Major recebia visitas de altas personalidades políticas, sociais e religiosas.

Segundo conta a história, o Major Cândido Brochado foi assinado por um ex-escravo. Ele deixou dois filhos, Sinfrônio dos Santos Brochado e Damaso José dos Santos Brochado. Abalada com a morte do Major, a Família Brochado vendeu parte da fazenda, ficando então as terras que correspondem ao Barreiro de Baixo. Sinfrônio dos Santos Brochado, retornou do Colégio e Seminário do Caraça, a fim de gerir os bens deixados pelo pai. A fazenda do Pião tornou-se próspera e suas terras tinham cultivo diversificado como café, arroz, feijão, milho e outros, além de fornecer leite para Curral Del Rei, o que na época não era comum.



Figura 1- Sede da fazenda da família Brochado no Barreiro, sem data. Fonte: <https://barreiroempauta.com.br/fazenda-da-familia-brochado-data-desconhecida/>. Acesso 13-3-2019.

A Fazenda do Barreiro foi vendida ao senhor Manuel Pereira de Melo Viana, mas, na época da construção da nova Capital Belo Horizonte, por incentivo do chefe da comissão construtora o senhor Aarão Reis, o Governo do Estado comprou a fazenda pelo valor de 75.000\$000 (setenta e cinco mil reis), com a finalidade de aproveitar as águas dos córregos Capão das Posses, Clemente e Antônio Francisco para garantir o abastecimento à população.

A fazenda ficou sob a administração do Estado, que construiu ótima estrada, possibilitando que a região fosse visitada frequentemente por políticos e pessoas da sociedade de Belo Horizonte. Em razão da topografia, da abundância de água e das terras excelentes para o cultivo, que poderiam abastecer a nova capital, assim foi fundada na região a Colônia Vargem Grande. Muitas famílias estrangeiras que se inscreveram para vir ao Brasil, fixaram-se na região do Barreiro, em busca de estabilidade, segurança, um futuro melhor. Em 1896, o primeiro diretor da colônia o engenheiro Arthur Thire, inaugurou a colônia com amostras e equipamentos agrícolas modernos e os benefícios dos mesmos

para produção colônia foi dividida em grandes terrenos ou lotes, de 250.000 ou 300.000m, que deveriam ser pagos de forma suave em um prazo de cinco anos.



Figura 2- Fazenda Barreiro, 1927. Fonte: <https://barreiroempauta.com.br/fazenda-barreiro-1927/>. Acesso 13-3-2019

Foi durante o governo do presidente de estado o Dr. João Pinheiro nos anos de 1906 a 1908, que houve maior interesse no desenvolvimento da colônia. Quanto as terrenos, o governo facilitava o pagamento, mas os que não conseguiam pagar no prazo determinado perdiam os seus direitos, deixando a utilização da terra a outros, que assumiam o compromisso em um novo contrato. Assim, muitas famílias se consolidaram e fizeram história na região do Barreiro como os Hilbert (austríacos), os Pongeluppe (italianos), os de Moro (italianos), os Teixeira Dias (portugueses), os Cardoso (portugueses). Ainda vieram os Hoffmann, os Aganetti, os Wancha, os Ricoy, os Rossi, os Peters, e muitas outras famílias.

Com a construção da via férrea, em 1910, vieram novos moradores, que eram os trabalhadores da Estrada de Ferro Central do Brasil. Na região, começaram a se instalar as primeiras indústrias, atraindo a população em busca de emprego. Surge, assim, o bairro do Ferrugem, o primeiro bairro do Barreiro, que no final da década de 1910, já possuía seu primeiro bairro operário, localizado na Fazenda do Pião.

A região do Barreiro tem sua história fundamentada no poder e a influência política. As terras da Fazenda sempre receberam visitas ilustres, seja para passar finais de semana com familiares, seja para reuniões. Pensando no conforto dos visitantes foi projetado no governo do Presidente do Estado Júlio Bueno Brandão (1910-1914), um casarão com aspecto de palácio. Somente no ano de 1919, na presidência de Arthur Bernardes, que o então Palácio dos Governadores foi concluído. O palácio recebeu encontros políticos importantes, até entrar numa fase de decadência, vindo a abrigar funções diversas.

Em 26 de abril de 1928, o italiano Domingos Gatti, que residia em Belo Horizonte desde que foi instalada como capital, conheceu o Barreiro e adquiriu de Sinfrônio Brochado, parte de suas terras (compreendidas hoje entre a Av. Olinto Meireles e a divisa com o Tirol). Como primeiro passo, escolheu um local adequado, em suas terras, para construir uma igreja, e na parte mais alta (divisa do Barreiro de Baixo com o Barreiro de Cima) fez erguer um Cruzeiro.

Loteando suas terras em vários quarteirões de 22 lotes cada e abrindo as ruas, Domingos Gatti deu à antiga passagem o nome de Vila Rica. Essas áreas foram destinadas a casas de campo, com a intenção de expandir, desenvolver e fazer conhecido o lugar. Algumas delas foram vendidas a amigos importantes de Belo Horizonte, como Hugo Savassi, Benito Muradas, Arsênio Garzon, Porfírio Cabalero, Desembargador Tito Fulgêncio.

Domingos Gatti foi também responsável pelo fornecimento de água pela prefeitura de Belo Horizonte ao Barreiro de Cima. Para viabilizar essa obra, doou 200 metros de tubos e a Central do Brasil mais 4.000 metros. Pagando, parceladamente, à Cia. Força e Luz, conseguiu trazer energia do Barreiro de Cima e colocou na parte central do Barreiro um poste de luz. Além disso, doou dois lotes para implantação da caixa d'água que abasteceria a região. Outros lotes foram ainda cedidos por ele à Prefeitura de Belo Horizonte, que em troca, terraplanou o bairro, abrindo e melhorando ruas, rede de esgoto, etc. O primeiro telefone do Barreiro, de uso público, também foi instalado na residência de Domingos Gatti, por solicitação da Cia. Telefônica, e sua filha Marta fazia às vezes de telefonista.

Em 1948, atendendo pedido de Domingos Gatti, o Prefeito Otacilio Negrão de Lima executou a criação, na já antiga Vila Rica, do projeto Cidade Satélite do Barreiro. Domingos Gatti concordou, para esse objetivo, em ceder parte de suas terras, cabendo à família Brochado colaborar também com a doação de grande área da fazenda. Duzentos lotes foram cedidos para construir as casas dos funcionários da Central do Brasil, que, mais tarde, através da Caixa de Aposentadoria e Pensões dos Empregados, tiveram condições de morar em casas próprias.

Dando continuidade ao ramo de atividades que exercera no Barro Preto anteriormente, Domingos Gatti criou no Barreiro de Baixo, em período que se seguiu a revolução de 1930, uma olaria que se constituiu na primeira indústria da região, abrindo mercado de trabalho como fator de desenvolvimento. A fábrica se tornou referência para a região, fornecendo telhas francesas e tijolos furados e comuns a obras em Belo Horizonte e a empresas que vieram a surgir no pólo industrial da região⁶. Hoje, uma chaminé remanescente do empreendimento ainda se destaca na paisagem do bairro Olaria.

⁶ <https://bairrosdebelohorizonte.webnode.com.br/bairros%20da%20regi%C3%A3o%20do%20barreiro/>. Acesso 13-3-2019.





Figura 3- Empregados da cerâmica da família Gatti, possivelmente na década de 1940. Fonte: <https://pt-br.facebook.com/museudigitaldobarreiro/photos/empregados-da-cer%C3%A2mica-irm%C3%A3os-gattina-foto-os-empregados-da-cer%C3%A2mica-da-fam%C3%A9lia-/1797142993851062/>. Acesso 12-3-2019.

A instalação da Mannesmann no Barreiro veio de uma promessa do então Governador do Estado Juscelino Kubitschek à família Gatti. Em 31 de maio de 1952, foi lançada a pedra fundamental da Usina do Barreiro, tendo iniciado as obras para instalação da empresa alemã Companhia Mannesmann Tubes, onde era a sede da fazenda do Pião.

A escolha da região foi devido à disponibilidade dos recursos naturais e a posição central entre os principais mercados consumidores. Em agosto de 1954 foi festivamente inaugurada a siderúrgica com a presença do Presidente Getúlio Vargas e o Governador Juscelino Kubitschek, sendo produzido neste dia o primeiro tubo de ferro sem costura em solo brasileiro. Na época, a Mannesmann foi a grande propulsora do progresso e do desenvolvimento da região do Barreiro.



Figura 4- Siderúrgica Mannesmann no Barreiro. Fonte: <http://monografiabarreiro.blogspot.com/2013/12/158-anos-de-historia.html>. Acesso 13-3-2019.

6. Análise Técnica:

A Chaminé da Olaria da antiga Fazenda Pião está localizada na Avenida Levindo Coelho, em frente ao nº 370, bairro Olaria, na região do Barreiro. Nos fundos do terreno onde está implantada a estrutura industrial passa o córrego Olaria, cujos barrancos teriam se formado em função da extração de argila, que, sendo de boa qualidade, teria fornecido telhas francesas e tijolos para a construção civil, sobretudo na Cidade Industrial e arredores.

De acordo com a Diretoria de Patrimônio Cultural, a Chaminé da Olaria está localizada em terreno pertencente ao município de Prefeitura de Belo Horizonte. No entanto, não possui proteção como patrimônio cultural.



Figura 5- Imagem com a localização da Chaminé da Olaria. Fonte: GOOGLE EARTH. Data da imagem: 15/5/2018.

A Chaminé da Olaria trata-se de uma robusta estrutura de tijolos, remanescente da olaria da família Gatti, que se destaca na paisagem urbana local, caracterizada pela intensa urbanização.

A história da região do Barreiro está intrinsecamente ligada à atuação de Domingos Gatti que impulsionou seu povoamento e desenvolvimento, ao promover loteamentos, viabilizar obras de infraestrutura, além de implantar uma fábrica que seria pioneira, a Olaria ou Cerâmica Gatti, que se tornou referência para a região. Como remanescente do empreendimento econômico da família Gatti, por si só, a Chaminé da Olaria, que resiste bravamente na paisagem local, merece ser preservada. É possível atribuir a ela valor

cultural⁷, com atributos e significados que justificam a sua proteção. Podem ser elencados os seguintes valores:

- Valor histórico, uma vez que se configura como um testemunho da implantação das primeiras fábricas no Barreiro, representando uma fase de transição para o processo de industrialização que mais tarde avançaria sobre a região, moldando sua paisagem urbana;
- Valor paisagístico, já que a chaminé possui presença marcante na paisagem urbana do Barreiro, resistindo às profundas transformações pelas quais passou a região;
- Valor evocativo, tendo em vista que a chaminé fazia parte da olaria da família Gatti, cujo patriarca, Domingos Gatti, teve papel fundamental no povoamento e desenvolvimento do Barreiro, atuando ativamente na implantação de infraestrutura urbana, como introdução de energia elétrica, água potável e serviço telefônico na região;
- Valor afetivo, pois se constitui referencial simbólico para o espaço e memória dos moradores do Barreiro, na medida que está profundamente incorporada à identidade da região.

Não obstante sua importância histórico, cultural e paisagística para a região do Barreiro, a Chaminé da Olaria, conforme informações constantes dos autos, está em precário estado de conservação, apresentando rachaduras, trechos desabados e pichações.

Em 21 de março de 2019, este setor técnico realizou visita ao local onde está implantada a chaminé, constatando a execução de obras em suas proximidades, que correspondem, conforme sinalização implantada, a serviços para controle de cheias dos córregos Olaria-Jatobá.



⁷ “O valor cultural não é intrínseco, mas criado, instituído historicamente, no seio da interação social e, por isso, nem é imutável, nem homogêneo. Mais ainda: o conflito é seu berço e trajetória naturais, pois não está desvinculado de interesses de indivíduos, grupos e sociedades e assim, por sua natureza política, precisa ser declarado, proposto, legitimado, tornado aceitável ou desejável”. BEZERRA DE MENEZES. Valor cultural, valor econômico: encontros e desencontros.



Figuras 6, 7, 8 e 9- Realização de obras no entorno da Chaminé da Olaria. Fotos da visita ao local.

Verificou-se que a Chaminé da Olaria está implantada numa parte mais elevada do terreno. Verificou-se, inclusive, a presença de gabiões sustentando o talude.



Figuras 10 e 11- Implantação da Chaminé da Olaria na parte mais elevada do terreno, com utilização de de gabiões para sustentar o talude. Foto da visita ao local.

Constatou-se o avanço do processo de degradação da estrutura, tendo sido identificadas rachaduras e desabamento de trechos das alvenarias, além da presença de pichações em sua base.



Figuras 12, 13, 14 e 15- Presença de rachaduras, trechos de desabamentos e pichações na Chaminé da Olaria. Fotos da visita ao local.

7. Fundamentação:

Patrimônio cultural é o conjunto de todos os bens, materiais ou imateriais, que, pelo seu valor próprio, devam ser considerados de interesse relevante para a permanência e a identidade da cultura de um povo. O patrimônio é a nossa herança do passado, com que vivemos hoje, e que passamos às gerações vindouras.

Nos últimos anos, as políticas e práticas desenvolvidas na área de preservação vêm adquirindo nova abrangência. O enfoque dado anteriormente apenas aos monumentos considerados de excepcional valor histórico, arquitetônico ou artístico amplia-se ao adotar o conceito de “patrimônio cultural” estendendo-se à memória social da coletividade.

Porém, mesmo com a ampliação do conceito de patrimônio cultural, ainda há grande dificuldade de reconhecimento do valor cultural de edifícios que integram o patrimônio industrial. Além disso, como as áreas industriais são, geralmente, situadas em posições estratégicas e dotadas de ampla infraestrutura, possuem elevado potencial especulativo que reside no valor imobiliário dos terrenos⁸. Desse modo, os vestígios da industrialização costumam ser destruídos de forma rápida e irreversível.

⁸ <http://www.revistas.usp.br/cpc/article/viewFile/15664/17238>. Acesso 28-11-2014.

As Cartas Patrimoniais têm sido utilizadas como instrumento de políticas de conservação, uniformizando os conceitos utilizados na preservação do patrimônio cultural, tombado ou não⁹.

A antiga chaminé remanescente da olaria da família Gatti é testemunho da estreita ligação que se estabeleceu entre a história da região do Barreiro e o processo de industrialização que lá se desenvolveu e moldou sua paisagem atual. Segundo a Carta de Nizhny Tagil¹⁰:

El patrimonio industrial se compone de los restos de la cultura industrial que poseen un valor histórico, tecnológico, social, arquitectónico o científico. Estos restos consisten en edificios y maquinaria, talleres, molinos y fábricas, minas y sitios para procesar y refinar, almacenes y depósitos, lugares donde se genera, se transmite y se usa energía, medios de transporte y toda su infraestructura, así como los sitios donde se desarrollan las actividades sociales relacionadas con la industria, tales como la vivienda, el culto religioso o la educación.

La arqueología industrial es un método interdisciplinario para el estudio de toda evidencia, material o inmaterial, de documentos, artefactos, estratigrafía y estructuras, asentamientos humanos y terrenos naturales y urbanos, creados por procesos industriales o para ellos. La arqueología industrial hace uso de los métodos de investigación más adecuados para hacer entender mejor el pasado y el presente industrial.

No que se refere aos valores do patrimônio cultural, a Carta acima mencionada coloca que:

I. El patrimonio industrial es la evidencia de actividades que han tenido, y aún tienen, profundas consecuencias históricas. Los motivos para proteger el patrimonio industrial se basan en el valor universal de esta evidencia, más que en la singularidad de sitios peculiares.

II. El patrimonio industrial tiene un valor social como parte del registro de vidas de hombres y mujeres corrientes, y como tal, proporciona un importante sentimiento de identidad. Posee un valor tecnológico y científico en la historia de la producción, la ingeniería, la construcción, y puede tener un valor estético considerable por la calidad de su arquitectura, diseño o planificación.

III. Estos valores son intrínsecos del mismo sitio, de su entramado, de sus componentes, de su maquinaria y de su funcionamiento, en el paisaje industrial, en la documentación escrita, y también en los registros intangibles de la industria almacenados en los recuerdos y las costumbres de las personas.

[...]

De acordo com a Carta de Sevilla de Patrimonio Industrial - 2018¹¹:

⁹ Plano de Gestão Patrimonial elaborado pela empresa DUO Projetos & Consultoria.

¹⁰ CARTA DE NIZHNY TAGIL SOBRE O PATRIMÓNIO INDUSTRIAL. The International Committee for the Conservation of the Industrial Heritage (TICCIH), Julho 2003.

¹¹ <https://www.centrodeestudiosandaluces.es/index.php?mod=actividades&cat=22&id=3417>. Acesso 13-3-2019.

El Patrimonio Industrial necesita ser pensado hoy desde un enfoque renovado capaz de convertirse en un escenario de acción transdisciplinar dadas las complejas variables que afectan a los lugares del trabajo, entre las que destacamos:

1. Los conflictos y la síntesis que se producen entre los distintos modelos socioeconómicos, las máquinas y la naturaleza.
2. La evolución y el dinamismo del territorio en el que se operan cambios constantes que afectan a su morfología, estructura, propiedad y carácter.
3. La variabilidad y la multiplicidad que, en las escalas y en la localización, caracterizan a los espacios de la producción y sus modelos de explotación.
4. El ensanchamiento y la ruptura de los límites administrativos convencionales producto tanto de la industrialización en sí como de la globalización.
5. La diversidad versus la uniformidad que, a veces de manera yuxtapuesta, existen en los lugares del trabajo, evidenciando las contradicciones de la estandarización.
6. La falta de consenso para establecer indicadores válidos que sirvan para definir los valores y los atributos para la protección de los bienes industriales.
7. Las diferentes y contradictorias culturas de intervención que trazan un panorama de incertidumbre en el que peligran numerosos bienes industriales.
8. La participación y las buenas prácticas como garantía de la adecuada orientación de los modelos de gobernanza del patrimonio industrial como corrector de desigualdades.

Neste sentido, preservar e interpretar os lugares e as paisagens industriais é uma forma de garantir o testemunho e referencial, não apenas de seu valor arquitetônico e histórico, mas seus valores culturais, simbólicos, sua representatividade técnica e social.

No Brasil, são vários os exemplos de chaminés que permaneceram na paisagem de grandes centros urbanos. Em Curitiba, estas estruturas estão presentes em vários parques e, em alguns destes espaços, foram aproveitadas como Centro de Criatividade (Parque São Lourenço) e até mesmo academia de ginástica aberta para a população (Parque Barigui). Os locais são também muitos procurados para sessões de fotografias¹². Em Florianópolis as antigas chaminés também estão presentes no cenário urbano e se mostram compatíveis com as transformações vivenciadas pela cidade ao longo do tempo¹³.



Figuras 16 e 17- Chaminé em parque urbano de Curitiba e entre grandes edifícios de Florianópolis.

¹² <https://www.bemparana.com.br/noticia/historicas-antigas-chamines-se-incorporam-a-paisagem->. Acesso 14-3-2019.

¹³ <https://ndonline.com.br/noticias/chamines-antigas-se-misturam-ao-cenario-das-cidades-da-grande-florianopolis/>. Acesso 14-3-2019.

Em São Paulo, as instalações da Companhia União de Refinadores, no bairro da Mooca, foram demolidas para dar lugar a novos empreendimentos imobiliários. A Chaminé da União, remanescente do antigo conjunto arquitetônico, foi tombada, em 2010, pelo Conselho Municipal de Preservação do Patrimônio Histórico, Cultural e Ambiental da Cidade¹⁴.



Figura 18 - Chaminé da União, bem tombado no bairro da Mooca em São Paulo.

8. Conclusões e Sugestões:

A Chaminé Olaria da antiga Fazenda do Pião, localizada na Av. Levindo Coelho, em frente ao nº 370, bairro Olaria/Barreiro, Belo Horizonte, trata-se de uma robusta estrutura de tijolinhos, remanescente da Cerâmica Gatti, que se tornou referência na história da região.

A atuação de Domingos Gatti impulsionou o povoamento e desenvolvimento da região do Barreiro, não apenas com a implantação da olaria, mas também viabilizando loteamentos e a realização de obras e serviços de infraestrutura. Sendo assim, como remanescente do empreendimento da família Gatti, que teve papel fundamental na história do Barreiro, a Chaminé da Olaria merece ser preservada. É possível atribuir a ela valor cultural, com atributos e significados que justificam a sua proteção. Podem ser elencados os seguintes valores:

- Valor histórico, uma vez que a chaminé se configura como um testemunho da implantação das primeiras fábricas no Barreiro, representando uma fase de transição para o processo de industrialização que mais tarde avançaria sobre a

¹⁴ <http://www.ipatrimonio.org/sao-paulo-chamine-da-uniao/#!/map=38329&loc=-23.55746399999998,-46.60695900000002,17> e <http://www.saopauloantiga.com.br/acucar-uniao/>. Acesso 19-3-2019.

região. Nos termos da Carta de Sevilha, a presença deste patrimônio industrial possibilita a análise da evolução e do dinamismo do território ou região onde o bem está implantado;

- Valor paisagístico, já que a chaminé possui presença marcante na paisagem urbana do Barreiro, destacando por se tratar de uma estrutura imponente, que resistiu às profundas transformações pelas quais passou a paisagem da região no decorrer do tempo;
- Valor evocativo, tendo em vista que a chaminé fazia parte da olaria da família Gatti, cujo patriarca, Domingos Gatti, teve papel fundamental no povoamento e desenvolvimento do Barreiro, atuando ativamente na implantação de infraestrutura urbana, como introdução de energia elétrica, água potável e serviço telefônico na região;
- Valor afetivo, pois se constitui referencial simbólico para o espaço e memória dos moradores do Barreiro, na medida que está profundamente incorporada à identidade da região.

Não obstante sua importância histórica, cultural e paisagística para a região do Barreiro, a Chaminé da Olaria encontra-se em avançado processo de degradação, apresentado rachaduras, desabamento de trechos das alvenarias e pichações em sua base.

Deste modo, este setor técnico, além de recomendar a proteção da Chaminé da Olaria, por meio do tombamento, recomenda a elaboração de projeto para intervenções imediatas no bem, de modo a garantir sua preservação. Deve ser contemplada a estabilização/recomposição das alvenarias de tijolinhos, bem como a limpeza/ remoção das inscrições e pichações, com acompanhamento técnico especializado, no sentido de não danificar as estruturas. A elaboração de um projeto paisagístico para espaço onde o bem está implantado também é recomendada, no sentido de valorização da chaminé e incentivo à sua fruição coletiva. O projeto paisagístico deve contemplar, inclusive, sinalização interpretativa do bem. Ressalta-se, ainda, a importância da vigilância periódica e mais efetiva para coibir as ações de vandalismo.

9. Encerramento:

São essas as considerações do Setor Técnico desta Promotoria, que se coloca à disposição para o que mais se fizer necessário.

Belo Horizonte, 22 de abril de 2019.

Neise Mendes Duarte
Analista do Ministério Público – MAMP 5011
Historiadora

